

Empresário teme recessão e prevê inflação em alta

31 MAI 1990 *6º an. - 6º anual*

CORREIO BRASILENSE

São Paulo — O empresário brasileiro tem medo da recessão, espera uma queda no saldo da balança comercial, não aposta em faturamentos maiores que em 1989 e prevê inflação moderadamente crescente, queda na produção industrial e taxa negativa para o Produto Interno Bruto (PIB). Por isso, já está reduzindo seus investimentos. Este é, em linhas gerais, o panorama indicado pela pesquisa "Tendências Económicas", realizada pela consultoria Price Waterhouse junto às 500 maiores empresas do País. O trabalho pediu análises do período de maio a agosto de 1990.

O diretor da empresa de consultoria, Élio Lora, afirma que 66 por cento das empresas reduziram seus investimentos. Os investimentos mantidos estão assim divididos: 71 por cento em ativos fixos, 25 por cento em capital de giro, 25 por cento em aquisições de controles acionários de outras empresas, e os 2 por cento restantes no item outros.

Os investimentos em ativos correspondem, pelos cálculos de Lora, a cerca de 22,7 bilhões de dólares, dos quais 28 por cento destinam-se à expansão das linhas de produção, 21 por cento à melhoria operacional, 20 por cento à reposição de máquinas e equipamentos, 7 por cento à automação, e não mais que 6 por cento à pesquisa e desenvolvimento de novos projetos. Para o diretor da Price, essa retração nos investimentos — deu uma previsão ini-

cial de 20,2 por cento do ativo total das empresas para 16 por cento — decorre do descrédito da iniciativa privada no discurso do Governo a respeito de retomada do crescimento.

Descrente na retomada dos investimentos do setor público, uma parcela de 52,8 por cento estima que a relação investimento bruto-PIB não passe de 14 por cento este ano. Neste contexto, 42 por cento dos pesquisados acreditam que o crescimento do PIB em 1990 será negativo, enquanto 30 por cento esperam um crescimento máximo de 1 por cento. As perspectivas aqui, pelo levantamento da Price, são de uma queda de 5,4 por cento na produção industrial nos primeiros seis meses deste ano, e de 2 por cento na previsão consolidada para todo o ano. Mas o que desestimula mesmo os investimentos das 500 maiores empresas do País, em termos de faturamento, são os riscos de uma recessão, destacados por 73,2 por cento dos entrevistados. O segundo fator de desestímulo é a carga tributária, antiga reclamação dos empresários em geral, apontada por 27,2 por cento como inibidora de novos investimentos.

Os empresários consultados esperam ainda uma inflação de 2,95 por cento em maio (ontem o BTN fiscal já sinalizava uma variação de 5,35 por cento), 3,89 por cento em junho, 4,51 por cento em julho, e 5,2 por cento em agosto.